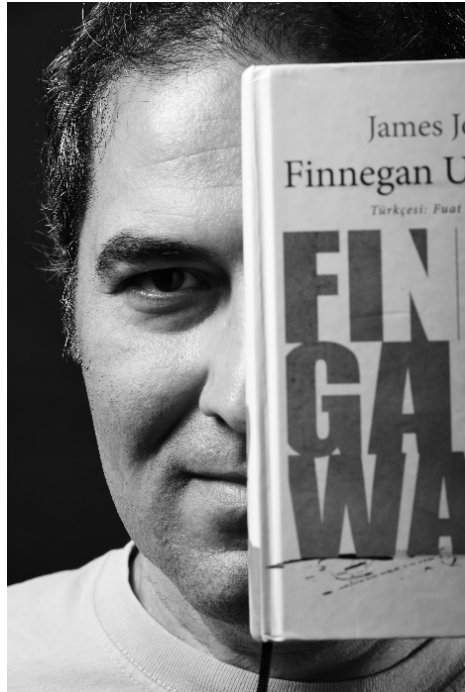


Entrevista com Fuat Sevimay – traduzida para o português

Luis Henrique Garcia Ferreira



Fonte: foto fornecida pelo tradutor Fuat Sevimay (2024).

Fuat Sevimay traduziu *Finnegans Wake* na íntegra para o idioma turco sob o título *Finnegan Uyanması*. A hercúlea tarefa foi iniciada em 2012 e finalizada em 2016, quando foi publicada pela editora Sel Yayıncılık em uma edição de capa dura com 663 páginas. Ademais, a premiada versão turca do plurivetorial macrotexto de Joyce é acompanhada de um guia de leitura.

A tradução do último livro de Joyce coroou um percurso tradutório que contemplou quase toda a obra do irlandês, desde a poesia até o teatro e a prosa. Sevimay, que além de tradutor é autor de vários contos e romances, antes de adentrar nas questões relativas ao *Finnegans Wake*, fala sobre o seu percurso na literatura. Favorecido pela aglutinatividade e sonoridade (duas das principais características do *Finnegans Wake*) da língua turca, Sevimay fala sobre o processo tradutório, comentando estratégias e elementos valorizados em sua tradução, como os neologismos, a musicalidade, a multiculturalidade, o onirismo etc. A entrevista, feita em inglês, foi realizada por e-mail entre o final de janeiro e o início de fevereiro de 2024.

Fuat Sevimay, você pode nos falar de você e da sua relação com a literatura antes de descobrir Joyce?

Falar sobre mim pode ser mais difícil do que traduzir *Finnegans Wake*. Deixe-me tentar. Nasci 90 anos depois do Sr. Joyce, em 1972. Na infância, eu ainda não havia escutado nada sobre alguém chamado Joyce e por isso eu era um sujeito feliz. No ensino médio, algumas páginas de *Um retrato do artista quando Jovem* surgiram em nossa aula de inglês e, a partir de então, a catástrofe começou. Estudei administração de empresas na universidade e teoricamente deveria ter trabalhado em algumas empresas financeiras, mas nunca gostei de questões monetárias, de forma que decidi trabalhar em diversos setores, como o automotivo, o de lubrificantes e até mesmo com logística. Pessoas que conheci e coisas que observei durante toda aquela vida empresarial foram muito proveitosas para mim depois, quer dizer, quando comecei a escrever e traduzir.

Antes de trabalhar com tradução, escrevi meus próprios romances e contos. Eles foram traduzidos para mais de dez idiomas e receberam alguns prêmios importantes na Turquia e no exterior. E como leitor, além de Joyce, sou um grande fã de Gabriel Garcia Marquez, Carlos Fuentes e Orhan Pamuk. Eu poderia chamar *Terra Nostra*, de Fuentes, e *O Livro Negro*, de Pamuk, de meus favoritos e dos livros que mais me influenciaram.

Como você chegou a Joyce e qual foi a epifania que o levou a continuar lendo e estudando o escritor irlandês?

196

Como eu disse, *Um retrato do artista quando Jovem* fazia parte da nossa aula de inglês no ensino médio. Naquela época, lembro que nossa professora havia contado que o escritor do livro era um irlandês chamado James Joyce e comentado que ele havia escrito um romance muito difícil de ler, chamado *Ulysses*, além de outra obra da qual ela não lembrava do título (*Finnegans Wake*), que segundo a lenda era ilegível.

Como eu era adolescente, não prestei muita atenção nisso, uma vez que nessa época só pensava em garotas ou futebol. Porém, mais tarde, quando cresci e me tornei um bom leitor, lembrei-me daquela conversa da professora e ficou na minha cabeça a questão de como um livro não poderia ser compreendido ou mesmo lido.

Ainda gosto de garotas, mas não gosto mais de futebol. Em vez disso, prefiro vôlei. No entanto, li, compreendi e traduzi com alegria toda a obra de Joyce e isso é muito melhor do que qualquer outra coisa na vida. Ah! Não. Velejar pode ser melhor do que ler Joyce.

Como foi seu primeiro contato com o *Wake*? E quais foram os motivos que o levaram a traduzi-lo?

O primeiro livro que traduzi de Joyce foi *Occasional and Critical Writings* (no Brasil traduzido com o título *De santos e sábios*), que não tinha sido traduzido para o turco. Depois traduzi *Um retrato do artista quando Jovem*. Ele já havia sido vertido para a língua turca, mas não gostei da tradução anterior. Por outro lado, meu primeiro contato com *Finnegans Wake* foi basicamente para lê-lo ou tentar lê-lo com a ajuda de diversos guias e livros de anotadores. Mas sendo um tradutor, me peguei pensando nos duplos sentidos, em palavras que se entrecruzam e em como fazer determinadas escolhas tradutórias. Depois, comentei com dois amigos meus da academia sobre minha tentativa (não poderia chamá-la ainda de tradução). Eles me encorajaram dizendo que minha percepção e alcance eram muito bons e me incentivaram a continuar. Então, passei a pensar mais no processo. Pedi demissão do meu trabalho na época. E me dediquei integralmente à tradução. Após isso, traduzi *Ulysses*, *Música de Câmara* e *Dublinenses*, traduzindo toda a obra joyceana.

Você pode falar sobre o projeto de tradução?

Começou no final de 2012 e foi concluído no final de 2016. Fui convidado para passar 5 meses no Trinity College em Dublin durante a tradução pela Literature Ireland e isso foi muito proveitoso para o processo. Perto do final da minha árdua tradução, comecei a trabalhar com o editor Bülent Dogan e a sua contribuição foi muito importante. Desde então foram publicados mais de 5.000 exemplares. Este ano meu primeiro contrato expirará com a nova editora e o *Finnegans Wake* turco, com sorte, terá um novo começo. Na primeira publicação, priorizei ser fiel ao número de páginas e à tipografia do texto-fonte, principalmente nos capítulos em que temos a “Balada de Persse O Reilly” ou no qual as crianças fazem a lição de casa e assim por diante.

Está acompanhada do texto original? É uma tradução anotada, com suporte crítico?

Não. Temos apenas a tradução em turco e um guia de 50 páginas dentro do texto. Porém, no prólogo, tentei lembrar aos leitores que o *Finnegans Wake* é algo totalmente diferente de todas as coisas que eles leram e contar-lhes o objetivo de James Joyce, ao usar o subconsciente para contar a história de HCE e de sua família.

Finalmente, a partir de um epílogo, temos um guia de aproximadamente 50 páginas, nas quais primeiro menciono o que está acontecendo em geral no

Finnegans Wake, como personagens, eventos, cenários e assim por diante, e depois uma nota explicativa para cada capítulo. Muitos leitores me disseram que este guia foi muito útil. Dentro do texto, os leitores estão imersos em seus próprios sentimentos e compreensão. E, com o guia, eles têm um suporte para se movimentarem pelos significados como quiserem.

Em relação ao encontro das línguas dos *Wake* com a língua turca, quais são as especificidades de cada uma e quais são os maiores problemas encontrados e as soluções que foram dadas a eles? Você pode dar um exemplo, por favor?

Cada idioma tem suas especificações fortes e fracas e um tradutor deve estar ciente delas. O turco é uma língua aglutinativa, o que é uma vantagem para a tradução, em comparação com outras línguas europeias. Porque você pode criar muitas palavras novas em turco, haja vista que essas palavras podem renascer dentro de si mesmas. Isso foi extremamente útil na tradução de um texto divertido como o *Finnegans Wake*. Outro ponto foi a fonética do turco. Temos consoantes em turco, de forma que a língua tem sua musicalidade própria. Quando se trata de um escritor como Joyce, que está muito concentrado no som do livro, é uma grande vantagem.

Por outro lado, a sintaxe e o vocabulário do turco não são semelhantes aos do inglês ou de outras línguas europeias. Assim, você tem que ter mais cuidado com isso e encontrar suas soluções pessoais. Deixe-me dar um exemplo;

“Kaç gün’ahçıkartan, kaç baş’tançıkartanı günaha buğuladı kim bilir!”

Agora, dentro desta frase turca que você provavelmente não entende (o original dela está na segunda página do *Finnegans Wake*; “*What bidimetoloves sinduced by what tegotetabsolvers*”), podemos ler “párocos, insensos e confissão” ou “prostitutas, suor, pecados e potes de carne” assim como na frase original. Não há necessidade de explicar cada palavra uma por uma; vamos dar uma olhada naquele “Kaç”. Em turco, isso pode significar *quanto* ou *fugir*. Então você (ou talvez o HCE) pode contar quantas prostitutas/párocos existem ou pode fugir deles. Depende da sua preferência.

Uma última coisa; concentre-se nas vogais da frase turca. Você notará principalmente a-a-a-a-âs. Isso é algo sobre fonética.

O que motivou a tradução do título para *Finnegan Uyanması*?

Como você sabe, em inglês o último “s” de *Finnegans* refere-se ao plural ou ao singular + sufixo possessivo. No entanto, em turco um sobrenome singular pode soar tanto no plural quanto no singular e também pode se referir ao apóstrofo subentendido. Assim, apenas dizer *Finnegan* foi o suficiente.

Já com *Wake* minha preferência *Uyanma* refere-se a acordar. No entanto, se você ler como *uy'anma*, torna-se algo como “Ah! Comemoração” ou “Ah! O funeral”. A última coisa sobre *Wake* é o rastro do navio sobre o mar, como as memórias deixadas para trás. Infelizmente, não consegui encontrar algo que correspondesse a este último referente. Quando *Finnegans Wake* é traduzido para alguns outros idiomas europeus, coisas como *Wegh* em alemão, *Sveglia* em italiano podem facilmente corresponder a *Wake*. No entanto, o turco é uma língua Uralo-altaica e o nosso vocabulário não é semelhante. Assim, começando pelo título, poderia ser mais difícil.

Cotejou outras traduções? Julga que esse processo é válido?

Minha tradução é a única integral em turco. Temos outra tentativa tradutória de *Finnegans Wake* em nosso idioma, a qual tem aspectos contestáveis e que recentemente foi publicada pela editora, que desistiu da minha tradução, em uma versão contemplando metade do livro. Até a minha tradução, ninguém conseguia ler e entender *Finnegans Wake*, e até então a editora poderia ganhar algum dinheiro. Dessa forma, como o meu projeto tradutório foi o primeiro a se materializar, não pude comparar com o turco. No que se refere a outros idiomas, tenho uma coleção de traduções de *Finnegans Wake*, mas como conheço apenas a língua italiana além da inglesa, só pude comparar minha tradução com a tradução italiana então disponível. Porém, a tradução italiana do meu querido amigo italiano Enrico Terrinoni veio depois da minha. Desse modo, foi apenas um cotejo no sentido de respeitar e conhecer a sonoridade de *Finnegans Wake* em italiano.

199

Quais são os principais aspectos da sua tradução? Você destacou algum elemento, como oralidade, neologismos, literalidade, ritmo etc.?

Quando se trata de oralidade em *Finnegans Wake*, temos uma profunda tradição encomiástica em turco. Então, tentei refletir isso o máximo que pude. Quanto ao neologismo, como já contei, a forma aglutinativa do turco foi uma grande vantagem para isso e criei tantas palavras novas com combinações, duplo sentido ou ambas as coisas. A literalidade é um aspecto importante para a tradução em geral e especificamente para o *Finnegans Wake*. Quando se fala em criação de novas palavras ou na estrutura geral do *Finnegans Wake*, alguns leitores pensam que dentro da tradução temos comentários ou iniciativas próprios. Não! Nunca. Eu nunca poderia mudar nenhum significado dado por Joyce.

E do ritmo, eu acredito fortemente que um dos principais objetivos de Joyce era dar o ritmo da humanidade na história. Você pode sentir isso no *Finnegans Wake* quando o lê em voz alta. Então, manter esse ritmo foi um dos meus objetivos mais importantes.

Quais são os desafios do rio de palavras-valise e trocadilhos multirreferenciais que atravessam o *Wake* na sua tradução?

Acho que os motivos ou aquelas palavras-valise são extremamente importantes para o *Finnegans Wake* e sua função não é apenas trocadilhesca. Eles criam uma teia de palavras dentro de todo o romance que reúne diferentes páginas na mente dos leitores e eu nunca poderia perder uma porque a repetição delas em páginas diferentes na verdade combina os casos e sentimentos dentro dessas páginas. É como se algo acontecendo no século V a. C. afetasse outro evento no século X e ambos tivessem um efeito em nossa vida contemporânea. Assim, prestei muita atenção para não perder nenhum deles.

Como trabalhar com o plurilinguismo?

Na verdade, a única especialidade à qual não prestei muita atenção durante a tradução do *Finnegans Wake* foi o plurilinguismo. Para ser mais preciso, até evitei. Porque, depois de todos os outros aspectos como duplo sentido, fonética, motivos e assim por diante, tentar usar outras línguas criaria uma cacofonia. Dentro do idioma de origem você tem uma palavra em inglês com trocadilhos joyceanos e que na verdade também se refere a algo em húngaro, digamos, e quando você descobre algo para esse duplo sentido e, além disso, tenta manter também o húngaro, é quase algo impossível e não significaria nada para o leitor. Porém, em minhas anotações, sempre lembrei que aquele parágrafo ou parte se relacionava com o húngaro.

E apenas mantive o plurilinguismo em algumas partes específicas. Por exemplo; em relação às conhecidas palavras-trovão de cem letras, onde na verdade lemos “trovão” em diferentes línguas, usei trovões de diferentes partes da geografia turca, como curdo, grego, armênio, persa, eslavo, árabe e assim por diante.

O livro tem uma dimensão assêmica ou agramatical? Como trabalhar isso na tradução?

Bem, este é um grande ponto para discutir. Quando lembramos da psicanálise, das palavras subliminares da noite, do escopo freudiano e junguiano por baixo dos acontecimentos, ou seja, quando pensamos em tudo aquilo que

têm um efeito na vida pessoal (HCE, ALP e crianças), nacional (Irlanda) e histórica (mundo e humanidade), *Finnegans Wake* tem algo novo a dizer sobre a literatura. Isso pode ser: esqueça o idioma e sua gramática, vamos criar um novo. Assim, esta discussão pode levar a Lacan, Derrida e assim por diante. Na Turquia, em simpósios ou sessões, sempre digo que Joyce subiu ao cume do Everest com *Ulysses* e depois criou seu próprio cume com *Finnegans Wake*. Isso não pode ser explicado pela geografia ou pela literatura que conhecemos e com as quais estamos familiarizados. Portanto, o fato de ser assêmico ou agramatical não objetivava negligenciar esses elementos. Na verdade, como as palavras utilizadas em nossa vida diária fazem parte do plano da consciência, Joyce teve que derrubá-las. Acho que essa percepção pode ser muito adequada para o *Finnegans Wake*.

Como trabalhar com o multiculturalismo?

Mais uma vez, os motivos e *Leitmotive* são muito importantes dentro do *Finnegans Wake*, uma vez que se referem a diferentes culturas que se inter-relacionam. Assim, quando se trata de tradução, não temos chance de perder um trocadilho ou palavra Joyceana criada que de fato tenha relação com outro ambiente cultural no próximo parágrafo ou cem páginas depois.

Trabalhou com transculturação? Se sim, em que nível? Você pode trazer exemplos? O que acha das propostas transculturais na tradução de *Finnegans Wake*?

Em geral, ser um tradutor está mais relacionado a ser um intelectual do que com saber inglês (ou qualquer idioma de onde você traduz). Pessoalmente, ser um escritor, ser um bom leitor, gostar muito de história, arqueologia, filosofia, antropologia etc. são características que me ajudaram muito durante a tradução. Você tem que saber quem é Parnell e porque Joyce se refere tanto a ele, para além do Google. E é preciso ficar atento que Gênesis, Genghis e Guinness podem ter algo relacionado dentro do *Finnegans Wake*. Havia um parágrafo que eu estava tentando traduzir (não me lembro da página agora), e coisas estavam acontecendo perto do rio Liffey, em Dublin. Mas senti que havia algo a mais e descobri que as mesmas frases tinham uma grande referência aos Dardanelos, passando por Aquiles, Troia, Galípoli, Leandros e assim por diante. Assim, quando você traduz o *Finnegans Wake*, você traduz literalmente muitas coisas e culturas, não apenas um livro.

Como manter o universo onírico e nebuloso da obra?

Na verdade, quando você leva em consideração o estilo subliminar do *Finnegans Wake*, esse universo onírico é a parte mais apropriada para brincar com as palavras. Foi muito divertido sonhar a história junto com a família de HCE. Ou talvez devêssemos chamar de o pesadelo do qual Stephen Dedalus (personagem de *Ulysses*) quer acordar. Dito de outra forma, *Dead'all'us* (todos nós morremos).

Quais foram os métodos de tradução e instrumentos de pesquisa utilizados?

Primeiro, os dicionários clássicos, dicionários de gírias etc. E então, principalmente *Annotations* de McHugh; *How Joyce Wrote Finnegans Wake* de Crispi&Slote; *Skeleton Key to Finnegans Wake* de Campbell; *Reader's Guide to Finnegans Wake* de Tindall, *Finnegans Wake Gazzette* de Louis O. Mink. E, além disso, muitas outras fontes, guias e livros aos quais eu tinha acesso na maravilhosa biblioteca do Trinity College. E, por fim, um pouco de raki turco, chá ou uísque irlandês (principalmente o Bushmills), conforme meu humor.

Como você avalia os resultados alcançados?

Estou muito feliz que *Finnegans Wake* tenha uma tradução em turco, seja o nome do tradutor Fuat ou qualquer outro. Porém, infelizmente, por causa de outra tradução (não confiável e inacabada como mencionei antes), por alguns anos não conseguimos ter uma base saudável para falar sobre o assunto. De qualquer forma, leitores e acadêmicos conhecem a situação agora. Então, estou muito satisfeito com o resultado, mesmo que tenha sido difícil de consegui-lo.

Qual é a sua relação com as teorias da tradução? Tem preferência por alguma delas? Por quê?

As teorias da tradução são basicamente algo relacionado à academia. Eu não sou um acadêmico. Tento entendê-las, mas isso é tudo. Outros comentários meus sobre este tópico seriam excedentes.

Alguma teoria da tradução poderia ser aplicável ao *Wake*?

Não e sim.

Sim, porque as teorias da tradução são importantes e determinam uma disciplina de trabalho.

Não, porque *Finnegans Wake* é algo totalmente diferente de todas as coisas escritas anteriormente. Por essa razão, as teorias atuais que se baseiam em “romances normais” em grande parte não são aplicáveis à tradução do *Finnegans Wake*. Você tem que determinar sua própria teoria específica para essa tradução e criar seu próprio caminho.

Qual é o papel da crítica na recepção de *Finnegans Wake*? É uma espécie de instância narrativa da obra, dada a desintegração dos padrões narrativos canônicos?

Um crítico em geral deve ter uma percepção e compreensão da literatura mais do que o leitor comum e talvez até mais ainda do que os escritores ou tradutores. Portanto, os verdadeiros críticos são tão raros e valiosos. Quando se trata de *Finnegans Wake*, primeiro devemos encontrar um crítico “real” que possa dizer algo sobre ele. Então? É muito difícil comentar isso. Não temos um Sam Slote na Turquia e provavelmente você também não tem um no Brasil.

O tradutor do *Wake* pode ser considerado coautor do livro? Por quê?

Bem, se compararmos com outras traduções e tivermos em mente que o *Finnegans Wake* é algo totalmente diferente, sim, o tradutor pode ser chamado de coautor em relação ao seu idioma. No entanto, tal comentário às vezes é mal compreendido. Eu não escrevo nada de minha autoria. Assim, posso me chamar de coautor, apenas e somente dentro do sentido criado por James Joyce. Não posso usar nenhuma palavra independente do texto. Eu só pensava durante a tradução: e se Joyce soubesse turco, como ele poderia lidar com essa frase nesse caso? E isso realmente funciona.

Você tem uma parte favorita do trabalho? Pode comentar o motivo e citá-lo?

Gosto das páginas *Butt and Taff* e *Grasshopper and the Ant*. Eu realmente não sei o motivo. Mas talvez só porque, no conflito sem fim da humanidade e do mal-entendido, cada um é mencionado de maneira perfeita e engraçada. É provável que todos nós (especialmente o universo masculino) sejamos Shems ou Shauns em todo o mundo e em todas as épocas.

Como foi a recepção da sua tradução pelo público em geral e pela academia?

Na Turquia, temos dois grandes prêmios para tradução, com tradição e júri respeitáveis. Minha tradução de *Finnegans Wake* foi a única que recebeu esses dois prêmios em 2017. Por outro lado, participei de alguns simpósios em várias universidades, tanto na Turquia como no exterior, desde então. Mas quando se trata do público leitor, devemos aceitar que o *Finnegans Wake* pode ser absorvido apenas com o tempo. Este não é um romance comum. Mesmo assim, tem muitos leitores dedicados na Turquia e eles frequentemente entram em contato comigo para alguns comentários e etc.

Nesse contexto, como é a pesquisa e a recepção não só do *Finnegans Wake*, mas também do restante da obra de Joyce (Bloomsday, incentivos etc.) em seu país?

A Turquia e a língua turca são muito frutíferos no campo da tradução, de vários idiomas e com grande volume de obras. Também temos experientes departamentos de tradução em universidades e tradutores talentosos. Assim, Joyce é um grande escopo no mundo acadêmico. Alguns simpósios são organizados e palestras são realizadas com frequência. Por outro lado, não temos muito espaço para o público. No ano passado, o Bloomsday İstanbul foi realizado por alguns acadêmicos e eu também participei com algumas falas. Acho que continuará com atividades mais divertidas nos próximos anos.

Conhece traduções do *Finnegans Wake* para outras línguas? Quais são e o que você pensa delas?

Como disse antes, tenho uma coleção de traduções de *Finnegans Wake* incluindo as versões para o francês, o alemão, o italiano, o coreano etc. Todas elas são com certeza um trabalho respeitoso e só poderia comentar a tradução italiana que é um ótimo trabalho graças ao Enrico Terrinoni (Forza, Totti), porém me questiono especialmente sobre a tradução chinesa, visto que a configuração da língua chinesa, baseada em figuras, é totalmente diferente da dos alfabetos latinos. Deve ser fantástico e alucinante, acredito, trabalhar em algo assim.

Qual é a sua opinião sobre a tradução de *Finnegans Wake*, que durante muito tempo foi considerada intraduzível pela crítica?

Apenas tiro sarro dessa crítica do “intraduzível”, porque, esqueça a minha, a sua ou a opinião de outra pessoa sobre o assunto, Joyce, o próprio escritor

auxiliou no início da tradução francesa de *Finnegans Wake* antes de sua morte. Ele também contribuiu para as traduções alemã e italiana de *Ulysses*. Além disso, ele diz “Até a loucura pode ser traduzida”, em referência especialmente às obras de Antonin Artaud.

É um absurdo argumentar tal coisa. Você entende a abordagem do escritor, então determina o escopo da tradução (quando é alguém especial como Joyce), entende o significado do texto e segue em frente. Isso é tudo.

Você tem novos projetos envolvendo *Finnegans Wake*?

Na verdade, não é novidade, mas fiz algo interessante depois de concluir a tradução de toda a obra de Joyce em turco, incluindo *Finnegans Wake*, *Ulysses*, *Um retrato do artista quando Jovem*, *Dublinenses* e outros.

Muitos leitores exigiram de mim algo como um dicionário, anotações ou coisas assim para explicar os livros de Joyce. Mas, pessoalmente, preferi outra coisa e decidi escrever um romance em que James Joyce e o tradutor são os protagonistas. Neste meu romance, *Benden’iz James Joyce*, que poderíamos traduzir para o inglês como “Yours Tru’lie James Joyce”, lembrando tanto “verdadeiramente” quanto “a mentira verdadeira”, Joyce está entediado de se deitar sob seu pecado em Zurique, se pergunta sobre Istambul e a nova era, quando acorda e chega à Istambul contemporânea; exatamente em 16/06/2013, quando a “Resistência Gezi” insurgiu na Turquia contra a crueldade do governo. Então, ele luta contra a polícia, depois se apaixona por uma turca, conversa com vagabundos e conversa com alguns intelectuais, perambula por Istambul e curte o Bósforo. Além de tudo isso, ele fala sobre sua literatura, incluindo *Ulysses*, *Finnegans Wake* e outros livros, além de dialogar com o tradutor e com muitas outras pessoas, comuns ou literatas. Ele conta quem é Bloom, Anna Livia Plurabelle ou Lily, o que ele expressa em determinado capítulo ou o que pretende fazer em outro. E dois capítulos desse romance focam no *Finnegans Wake*, além do que algumas páginas poderiam ser chamadas de julgamento do *Finnegans Wake* em turco.

Referências bibliográficas

CAMPBELL, Joseph; ROBINSON, Henry Morton. *A **skeleton key to Finnegans Wake***. California: New World Library, 2005.

CRISPI, Luca; SLOTE, Sam (Eds.). ***How Joyce wrote Finnegans Wake: a chapter-by-chapter genetic guide***. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2007.

FUENTES, C. ***Terra Nostra***. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1975.

JOYCE, James. ***Finnegans Wehg: Kainnäh ÜbelSätzZung des Wehrkess fun Schämes Scheuß [FW: German]***. Trad. Dieter H. Stündel. Darmstadt: Häusser; Frankfurt am Main: Zweitausendeins. Bilingual, 1993.

_____. ***Música de câmara***. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. ***Exilados***. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. ***Ulysses***. Trad. Caetano W. Rodrigues. Londres: Wordsworth, 2012a.

_____. ***De santos e sábios: escritos estéticos e políticos***. Trad. André Cechinel, Dirce Waltrick do Amarante e Sérgio Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2012b.

_____. ***Finnegan Uyanması [FW: Turkish]***. Trad. Fuat Sevimay. Istanbul: Sel Yayıncılık, 2016a.

_____. ***Um retrato do artista quando jovem***. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016b.

_____. ***Dublinenses***. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018a.

_____. ***Finnegans Wake: La veglia di Finnegan***. Trad. Mazza, Giuliano. Lemignano, Parma: Abax Editrice, 2018b.

_____. ***Exílios e poemas***. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2022.

MCHUGH, Roland. ***Annotations to Finnegans Wake***. 4. ed. Baltimore:

L.H.G. FERREIRA
Entrevista com
Fuat Sevimay –
traduzida para
o português

Editora da Universidade John Hopkins, 2016.

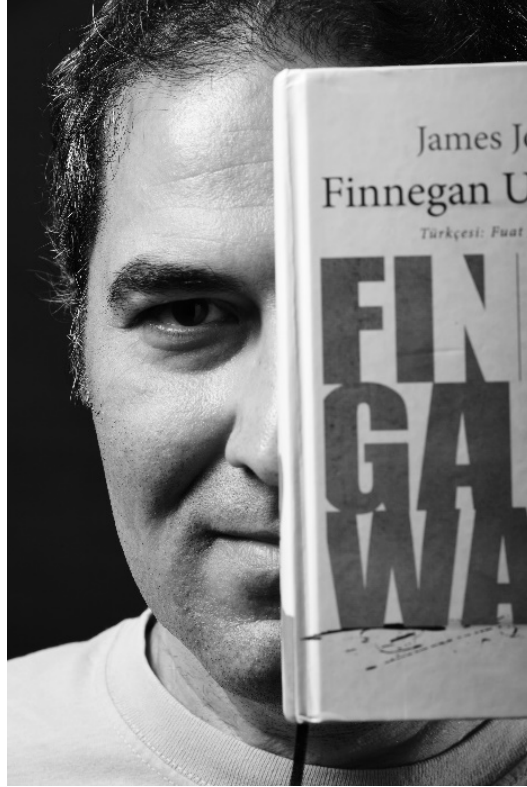
MINK, Louis O. *A Finnegans Wake Gazetteer*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

PAMUK, Orhan. **Olivro negro**. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TINDALL, William York. *A reader’s guide to James Joyce*. New York: Syracuse University Press, 1996.

Interview with Fuat Sevimay – English version

Luis Henrique Garcia Ferreira



Source: imaged provided for the translator Fuat Sevimay (2024).

Fuat Sevimay translated the whole *Finnegans Wake* into Turkish under the title *Finnegan Uyanması*. The Herculean task began in 2012 and ended in 2016, when it was published by publisher Sel Yayıncılık in a 663-page hard cover edition. Furthermore, the award-winning Turkish version of Joyce's plurivetorial macrotext is accompanied by a reading guide.

The translation of Joyce's last book crowned a translation journey that included almost all of the Irishman's work, from poetry to theater and prose. Sevimay, who in addition to being a translator is the author of several short stories and novels, before delving into issues relating to *Finnegans Wake*, talks about his journey in literature. Favored by the agglutinateness and sonority (two of the main characteristics of *Finnegans Wake*) of the Turkish language, Sevimay talks about the translation process, commenting on strategies and elements valued in his translation, such as neologisms, musicality, multiculturalism, oneirism, etc. The interview, conducted in English, was carried out via email between the end of January and the beginning of February of 2024.

Fuat Sevimay, can you tell us about yourself and about your relationship with

literature before discovering Joyce?

Talking about myself could be harder than translating *Finnegans Wake*. Let me try. I was born 90 years after Mr. Joyce, in 1972. As of childhood I haven't heard someone called Joyce, thus I was a happy guy. At high school, couple of pages from *Portrait* took place at our English class so the catastrophe began. I attended business administration department at university and due to that, should have worked for some financial companies but I was never fond of monetary things, so I decided to work at different sectors like automotive, logistics, lubricants. People I met, things I observed during all that business life was so fruitful for me afterwards, I mean when I began writing and translating. Before translation, I wrote my own novels and short stories. They are translated to more than ten languages and had couple of significant awards within Turkey and abroad.

And as of a reader, apart from Joyce, I am a big fan of Marquez, Fuentes and Orhan Pamuk. I could call *Terra Nostra* and *Black Book* as of my favourites and the ones that has the most influence on me.

How did you come to Joyce's work and what was the epiphany that led you to continue reading and studying Joyce?

As I told, *Portrait* was a part of our English lecture at high school. At that time, I remember that our teacher had told that the writer of the book was an Irish called James Joyce and he had written another novel called *Ulysses* which is so hard to read and something else which she could not remind the title (*Finnegans Wake*) which is even not readable.

Then, I haven't paid much attention to this since that being a teenager, I was probably thinking totally and just about girls or football. However, later on, when I grew up and became a good reader, I recalled that conversation and began to think, how come a book cannot be understood or even not read. I still like girls/women but not anymore football. Instead, I watch volleyball. Nevertheless, I happily read and understood and translated whole volume of Joyce and this is much better than anything else in life. Ah! No. Sailing can be better than reading Joyce.

How was your first contact with the *Wake*? And what were the reasons that led you to translate it?

The first book I translated from Joyce was *Occasional and Critical Writings* which was not translated to Turkish. Then I translated *Portrait*. We had it in Turkish but I was not fond of the previous translation. On the other hand,

my first contact with *Finnegans Wake* was basically for reading or trying to read it with the help of many guides and annotations. But being a translator, I found myself thinking about the double meanings, matching words, making some preferences for the translation. Then I talked about my attempt (yet I could not call them a translation) with two friends of mine from academy. They encouraged me saying that my perception and scope was quite good and told me to go on.

So, I thought of the process much more. Resigned from my job at that time. And totally adopted myself for the translation.

Afterwards I translated *Ulysses*, *Chamber Music*, *Dubliners*, so I fulfilled the whole volume.

Can you talk about the translation project since its inception?

It started at the end of 2012 and completed it towards the end of 2016. I was invited to Trinity College in Dublin for 5 months during the translation by Literature Ireland and it was so fruitful for the process. Towards the end of my rough translation, we began to work with my editor Bülent Dogan and his contribution to the translation was so important. Since than 5.000 copies have been published. This year my first contract will expire so with the new publisher, *Finnegans Wake* in Turkish will hopefully have a new start.

For the first publication, I prioritized to be faithful to the number of pages and similar typesetting of source text, especially regarding chapters in which we have Persse O Reilly's Ballad or where the children do their homework and so on.

Is it accompanied by the original text? Is its translation annotated? Do you have any critical support?

No. We only have the Turkish translation and a 50-page guide within the text. However, at the prologue, I tried to remind to the reader that *Finnegans Wake* is something totally different than all the things that they have read and tell them the aim of James Joyce, using the subconsciousness of the history together with HCE's family.

Finally, as of an epilogue, we have an appx. fifty pages of guide in which, first I mention what's happening in general within *Finnegans Wake* like characters, events, settings and so on, and then an explanatory note for each chapter. Many readers told me that, this guide was so useful. Within the text they're totally with their own feelings and comprehension. And with the guide they have the meaning if they want.

Regarding the meeting of *Wake*’s languages with the Turkish language, what are the specificities of each language and what were the biggest problems encountered and the solutions given to them? Can you give an example, please?

Each language has its strong and weak specifications and a translator must be aware of those. Turkish is an agglutinative language where it is an advantage for translation, compared to other European languages. Because you can create many new words within Turkish since that words can reborn within themselves. This was extremely helpful while translating a playful text like *Finnegans Wake*. Another point was phonetic of Turkish. We have consonants in Turkish thus the language has its own musicality. When it comes to a writer like Joyce who is much concentrated on the sound of the book, it’s a big advantage.

On the other hand, syntax and vocabulary of Turkish is not similar to English or other European languages. So, you have to be more careful for those and find your personal solutions. Let me give an example;

“Kaç gün’ahçıkartan, kaç baş’tançıkartanı günaha buğuladı kim bilir!”

Now within this Turkish sentence which you normally don’t understand (original of it is at the second page of *Finnegans Wake*; What bidimetoloves sinduced by what tegotetabsolvers), we can either read “parsons, incences and confession” or “whores, sweat, sins and fleshpots” just like the original sentence. No need to explain each word one by one but just let’s have a look at that “Kaç”. In Turkish this may mean both, *how many* or *run away*. So you (or maybe HCE) may either count how many whores/parsons there are, or you may run away from them. It’s up to your preference.

One last thing; please focus to vowels in Turkish sentence. You will mainly notice a-a-a-a-a’s. This is something about phonetics.

211

Can you explain the translation of the title to *Finnegan Uyanması*?

As you know, in English the last “s” of *Finnegans* both refer to plural or singular + possessive suffix. However, in Turkish a singular surname could sound both for plural and singular meanings and it may also refer to the unseen apostrophe. Thus, just to say *Finnegan* was enough.

As of “Wake” my preference “Uyanma” refer to wake up. However, if you read it like uy’anma, it becomes something like “Ah! Commemoration” or “Ah! The Funeral”.

The last thing about “Wake” is the ship’s trace over the sea, like the memories left behind. Unfortunately, I could not find something to match this last one. When *Finnegans Wake* is translated to some other European Languages, things like *Wegh* in German, *Sveglia* in Italian could easily match Wake.

However Turkish is a Ural-Altaic language and our vocabulary is not similar. Thus, starting from the title, it could be harder.

Did you compare other translations? Do you think this process is valid?

My translation is the only one in Turkish. In Turkish we have another trial for *Finnegans Wake* translation but it's not something trustworthy and the publisher just published the half of it and gave up after mine. It was unfortunately an attempt like; no one could read and understand *Finnegans Wake*, so till then they could earn some money. So, I could not compare within Turkish.

When it comes to other languages, I have a collection of *Finnegans Wake* translations but I only know Italian apart from English, so I could only compare my translation with it. However, my dear Italian friend Enrico Terroni's translation came after mine. So, it was only a comparison to respect and see how *Finnegans Wake* sounds in Italian.

What are the main aspects of your translation? Did you highlight any element, such as orality, neologisms, literality, rhythm etc.?

When it comes to orality in *Finnegans Wake*, we have a deep encomiastic tradition in Turkish. So, I tried to reflect this as much as I can. As of neologism, as I told beforehand, Turkish's agglutinative form was a great advantage for that and I created so many new words with combinations, double meanings or both of them.

Literality is an important aspect for translation in general and specifically for *Finnegans Wake*. When you talk about creation of new words or general structure of *Finnegans Wake*, some readers think that, within translation we have our own comments or initiative. No! Never. I could never change any meaning given by Joyce.

And as of rhythm; I strongly believe that, one of the major aims of Joyce was to give the rhythm of humanity within the history. You can feel it in *Finnegans Wake* when you read it aloud. So, to keep that rhythm was one of the most important goals of mine.

What are the challenges of the river of *portmanteau* words and multi-referential puns that runs through *Wake* in your translation?

I think that motifs or those portmanteau words are extremely important for *Finnegans Wake* and their function is not being just puns. They create a word-

web within the whole novel which bring different pages together in readers' minds and I could never miss one because, repetition of those in different pages, actually combine the cases and feelings within those pages. It's just like something happening at fifth century B.C. affecting another event at tenth century and both having an effect on our contemporary life. Thus, I paid up most attention not to miss none of them.

How to work with plurilingualism?

Actually, the only specialty which I did not pay much attention during translation of *Finnegans Wake* was plurilingualism. To be more precise, I even avoided it. Because, after all other aspects like double meanings, phonetics, motifs and so on, trying to use other languages would create a “kakafoni”. Within the source language you have an English word with Joycean puns and which in fact also refer to something in Hungarian, let's say, and when you find something for that double meaning and furthermore, try to keep also the Hungarian, it's almost something impossible and would mean nothing to the reader. However, at my directory, I always reminded that paragraph or part was related with Hungarian. And I just kept plurilingualism at some specific parts. For example; regarding the well-known hundred letter thunder words of *Finnegans Wake* where in fact we read “thunder” from different languages, I used thunders from Turkish geography, like Kurdish, Greek, Armenian, Persian, Slavic, Arabic and so on.

213

Does the book have an asemic or ungrammatical dimension? How to work this in translation?

Well, this is a huge point to discuss. When we remind that psychoanalysis, subliminal words of night, Freud and Jungian scope beneath the events, I mean when we think about all those having an effect on both personal (HCE, ALP and children), national (Ireland) and historical (world and humanity) lives, *Finnegans Wake* has something new to say for literature. That may be; forget about the language and its grammar, let's create a new one. So, this discussion may lead up to Lacan, Derrida and so on. In Turkey, at symposiums or sessions, I always tell that Joyce climbed up to summit of Everest by *Ulysses* and then created his own summit by *Finnegans Wake*. This cannot be explained by geography or literature that we know and we are familiar. So, being asemic or ungrammatical was not with the aim of neglecting those. Instead, since that the conscious words for our daily life, Joyce had to tumble them down. I think this perception could be much adequate for *Finnegans Wake*.

How to work with multiculturalism?

Once more, motifs and leitmotifs are so important within *Finnegans Wake*, since that they refer to different cultures which have interrelations. So, when it comes to translation, we have no chance to miss a pun or created Joycean word which in fact has a relation with another cultural environment within next paragraph or hundred pages later.

Have you worked with transculturation? If yes, at what level? Can you bring examples? What do you think about transcultural stances in the translating of *Finnegans Wake*?

In general, being a translator is more related with being an intellectual than to know English (or whichever language you translate from). Personally, being a writer, being a good reader, being so fond of history, archaeology, philosophy, anthropology etc. helped me a lot during translation. You have to know who is Parnell and why Joyce refers to him so much, more than Google. And you have to be aware that Genesis, Genghis and Guinness may have something related within *Finnegans Wake*.

There was a paragraph which I was trying to translate (I don't remember the page now), and things was happening around Liffey River of Dublin. But I felt that there's something more and discovered that the same sentences had a big reference to Dardanelles, through Achilles, Troy, Gallipoli, Leandros and so on. Thus, when you translate *Finnegans Wake*, literally you translate so many things and cultures, not just a book.

How to maintain the dreamlike and nonsense universe of the work?

Actually, when you take FW's subliminal style into consideration, that dreamlike universe is the most appropriate part to play with the words. It was big fun for me to dream history together with HCE's family. Or maybe we should call it a nightmare which Dedalus wishes to wake up. Otherwise; Dead'all'us.

What were the translation methods and research instruments you used?

First; the classic dictionaries, slang dictionaries etc. And then; mainly *Annotations* of McHugh, *How Joyce Wrote Finnegans Wake* of Crispi&Slote, *Skeleton Key to Finnegans Wake* of Campbell, *Reader's Guide to Finnegans Wake* of Tindall, *Finnegans Wake Gazette* of Mink. And moreover, many source,

guide and books that I had at Trinity College’s wonderful library. And finally, some Turkish raki or tea or Irish whiskey (mostly Bushmills) up to my mood.

How do you evaluate the results you achieved?

I am so happy that *Finnegans Wake* is in Turkish whether the translator’s name is Fuat or someone else. However, unfortunately, because of another translation (not trustworthy and unfinished as I mentioned before), for few years we could not have a healthy base to talk about it. Anyway, readers and academicians know the situation now. So, I am so satisfied with the result, even if it was hard to achieve.

What is your relationship to translation theories? Do you have a preference for any? Why?

Translation theories are basically something related to academy. I am not an academician. I try to understand them but that’s all. Further comments of mine on this topic would exceed.

Do you think any translation theory could be applicable to the *Wake*?

No and yes.
Yes, because translation theories are important and determines discipline.
No, because *Finnegans Wake* is something totally different than all the things written beforehand. For that reason, current theories which base on “normal novels” are not mostly applicable to *Finnegans Wake* translation. You have to determine your own theory specific to that translation and create your own path.

What is the role of critics in the reception of *Finnegans Wake*? Is it a kind of narrative instance of the work, given the disintegration of canonical narrative patterns?

A critic in general must have a perception and understanding of literature more than common reader and maybe even more than the writers or translators. So, real critics are so rare and so valuable. When it comes to *Finnegans Wake*, first we must find a “real” critic who could have a comment on it. So? It’s really hard to comment on this. We don’t have a Sam Slote in Turkey and probably also you don’t have one in Brazil.

Do you think the *Wake*'s translator can be considered a co-author of the book? Why?

Well, if we compare with other translations and keep in mind that *Finnegans Wake* is something totally different, yes, the translator can be called a co-author regarding her or his language. However, such a comment is sometimes misunderstood. I don't write something of my own. Thus, I may call myself a co-author, just and only within the meaning created by James Joyce. I can't use any word independent from the text. I just thought during the translation; what if Joyce knew Turkish, how could he handle that sentence in that case. And this really works.

Do you have a favourite part of the work? Can you comment the reason and quote it?

I like the Butt and Taff pages and Grasshopper and the Ant. I really don't know the reason. But maybe just because, the never-ending conflict of humanity and misunderstanding, each other is mentioned perfectly and so funny. It's probable that we all (especially manhood) are all Shems or Shauns around the world and within ages.

How was the reception of your translation by the general public and by the academy?

216

In Turkey we have two major rewards for translation with a reputable past and jury. My *Finnegans Wake* translation was the only one that got both of those two rewards in 2017. On the other hand, I have attended couple of symposiums in various universities both in Turkey and abroad since then. But when it comes to public reader, we must accept that *Finnegans Wake* could be understood within time. This is not an ordinary novel. Even so, it has so many dedicated readers in Turkey and they frequently contact with me for some comments and etc.

In this context, how is the research and reception not only of the *Wake*, but also of the rest of Joyce's work (Bloomsday, incentives etc.) in your country?

Turkey and Turkish is really good in translation, from many languages and with big number of titles. We also have experienced translation departments within universities and talented translators. Thus, Joyce is a major scope in academic world. Some symposiums are organised and speeches are held frequently. On the other hand, we don't have much for the public. Last year

“Bloomsday İstanbul” was held by some academicians and I also had some speeches. I think it will go on with some more joyful activities within next years.

Do you know translations of the *Wake* to other languages? Which ones and what do you think of them?

As I told before, I have a collection of *Finnegans Wake* translations including French, German, Italian, Korean etc. All of them are for sure respectful work and I could only comment about Italian translation which is a great work thanks to Enrico Terroni (Forza Totti) however I especially wonder about the Chinese translation because, Chinese language’s configuration which is based on figures is totally different than Latin alphabets. It must be fantastic and mind-blowing I guess to work on something like that.

What is your opinion on the translation of *Finnegans Wake* itself, which for a long time was considered by the critics as untranslatable?

I just make fun of this “untranslatable” critics, because, forget about mine, yours or someone else’s opinion about this matter, Joyce, the writer himself has assisted the beginning of French translation of *Finnegans Wake* before his death. He has also contributed to German and Italian translations of *Ulysses*. Furthermore, he says “Even madness can be translated” regarding especially Antonin Artaud’s works.

This is just nonsense to argue such thing. You understand the approach of the writer, then determine your scope for the translation (when it is someone special like Joyce), get the meaning within the text and go on. That’s all.

Do you have new projects involving *Finnegans Wake*?

Actually, not new but I did something interesting after completing translation of whole volume of Joyce in Turkish, including *Finnegans Wake*, *Ulysses*, *Portrait*, *Dubliners* and others.

Many readers demanded something like a dictionary, annotation or things like that to explain Joyce’s books from me. But personally, I preferred something else and decided to write a novel in which James Joyce and the translator are the protagonists.

In this novel of mine, “*Benden’iz James Joyce*” and which we could translate to English as “*Yours Tru’lie James Joyce*” reminding both truly and true-lie, Joyce is bored of lying down under his sin in Zurich, wonders about İstanbul and new age, and wakes up and comes to contemporary İstanbul; exactly to

16/06/2013 when “Gezi Resistance” took place in Turkey against the cruelty of government. So, he struggles against cops, then falls in love with a Turkish lady, chat with vagabonds and talk with some intellectuals, wanders around İstanbul and enjoys Bosphorus. Besides all those, he talks about his literature, including *Ulysses*, *Finnegans Wake* and others with both the translator and many other people, ordinary or literate. He tells who is Bloom, Anna Luvia Plurabelle or Lily, what he expresses at this chapter or what he intends to do at another. And two chapters of that novel mainly focuses to *Finnegans Wake* and also some pages could be called an *Finnegans Wake* trial in Turkish.

CAMPBELL, Joseph; ROBINSON, Henry Morton. *A skeleton key to Finnegans Wake*. California: New World Library, 2005.

CRISPI, Luca; SLOTE, Sam (Eds.). *How Joyce wrote Finnegans Wake: a chapter-by-chapter genetic guide*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 2007.

FUENTES, C. *Terra Nostra*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1975.

JOYCE, James. *Ulysses*. New York: The Modern Library, 1992a.

_____. *Poems and Exiles*. Londres: Penguin, 1992b.

_____. *Finnegans Wehg: Kainnäh ÜbelSätzZung des Wehrkess fun Schämes Scheuß [FW: German]*. Translator Dieter H Stündel. Darmstadt: Häusser; Frankfurt am Main: Zweitausendeins. Bilingual, 1993.

_____. *Dubliners*. Londres: Penguin, 1996.

_____. *A portrait of the artist as a young man*. Oxford: Oxford University Press, 2000a.

_____. *Occasional, critical, and political writing*. Oxford: Oxford University Press, 2000b.

_____. *Finnegans Wake*. Londres: Wordsworth, 2012.

_____. *Finnegan Uyanması [FW: Turkish]*. Translator Fuat Sevimay. Istanbul: Sel Yayıncılık, 2016.

_____. *Finnegans Wake: La veglia di Finnegan*. Trad. Mazza, Giuliano. Lemignano, Parma: Abax Editrice, 2018.

MCHUGH, Roland. *Annotations to Finnegans Wake*. 4. ed. Baltimore: University John Hopkins Press, 2016.

MINK, Louis O. *A Finnegans Wake Gazetteer*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

PAMUK, Orhan. *The Black Book*. Translator Maureen Freely. Vintage Books USA, 2006.

TINDALL, William York. *A reader's guide to James Joyce*. New York: Syracuse University Press, 1996.